

# **Leslie Allen, Ezequiel, Palestra 23, Visão do Rio do Templo, Renovando a Terra e Novo Israel, Ezequiel 47:1-48:35**

© 2024 Leslie Allen e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Leslie Allen em seu ensinamento sobre o livro de Ezequiel. Esta é a sessão 23, Visão do Rio do Templo, Renovando a Terra, o Novo Israel, Ezequiel 47:1-48:35.

Chegamos agora aos capítulos finais do livro de Ezequiel, capítulos 47 e 48. E estes são uma continuação da visão de 43 a 46, a conclusão daquela visão em 47:1-12. E temos aqui a visão do riacho do templo, renovando a terra, e vamos passar para o território do Novo Israel.

E veremos que estes dois temas estão muito interligados, que surgem em formas diferentes, a última muito pragmática e geográfica, e a primeira representando uma visão imaginativa. Em 43 a 46, encontramos narrativa visionária usada como introdução ao material organizacional prático. Da mesma forma, aqui em 47.13 a 48.35, descobriremos que estes últimos versículos, 47.13 a 48.35, continuarão tratando da extensão da terra e de suas divisões tribais.

E isso foi depois daquela visão de 47:1-12. E assim a visão e as lições geográficas, como veremos, têm ambas um tema comum, o vínculo estreito entre o templo e a terra. 47:1-12, em primeiro lugar, esta visão tem o mesmo estilo de orientação, medição e explicação que encontramos nos capítulos 40 a 42. Mas agora, a explicação recebe o papel principal nos versículos 8 a 12.

Os versículos 1 a 12 têm uma estrutura literária, tendo a água que sai do templo como fonte. Mencionamos isso no versículo 1, onde a água flui abaixo da soleira do templo, e isso é retomado no final do versículo 12. A água para eles flui do santuário, portanto, há uma moldura cuidadosa em torno desta seção específica. .

Na verdade, esta água, eventualmente chamada de rio, domina toda a passagem. Na explicação, versículos 8 a 12, há foco na cura. Em nosso texto em inglês, aparece no versículo 12, onde diz: suas folhas não murcharão, nem seus frutos falharão.

Eles darão frutos frescos todos os meses, e continua dizendo que os frutos serão para alimentação e suas folhas para cura. Mas no que diz respeito ao texto hebraico, esta é a segunda vez que a cura é mencionada, mas como tantas vezes, nossas traduções nos decepcionam e não fornecem leituras idênticas onde você tem as mesmas palavras hebraicas. E de fato, no versículo 8, a cura é mencionada ali.

A água ficará fresca . Literalmente, a água ficará curada. Você realmente não pode fornecer isso em uma tradução para o inglês, mas poderia ter sido útil colocá-lo ali como uma nota de rodapé. E assim, a água ficará fresca e, literalmente, a água será curada.

O Mar Morto não estará mais morto, mas terá uma nova vitalidade como água doce. Existem quatro estágios nesta narrativa visionária: versículo 1, versículo 2, 3 a 6a e depois 6b a 7. Cada um começa com o profeta sendo conduzido pelo anjo para um novo local. Na terceira etapa, versículos 3 a 6a, a seção mais longa, há uma série quádrupla do profeta sendo levado de um lugar para outro.

Observe o versículo 6. Há algo mencionado no versículo 6 que deveria nos lembrar de algo que aconteceu antes. No final do versículo 6, bem, no início do versículo 6, ou melhor, 6a, Deus me disse: mortal, você viu isso? Mortal, você viu isso? E esta é uma pergunta que tivemos muitas vezes nas primeiras partes daquela visão anterior, capítulo 8, versículos 6, 12 e 17. Deus continuou fazendo a mesma pergunta: você viu isso? E assim, há um paralelismo aqui, mas o contexto é muito diferente agora.

Da mesma forma, atenção especial está sendo dada a um novo recurso. Mas no versículo 8, a pergunta, no versículo 8, a pergunta foi colocada num contexto negativo, e aqui é colocada num cenário positivo, numa espécie de inversão do capítulo 8. Depois daquelas surpresas desagradáveis para as quais Deus chamou a atenção de Ezequiel em capítulo 8, felizmente é hora de falar de uma surpresa maravilhosa. Esta visão é uma conclusão culminante das anteriores.

Tem uma qualidade metafórica e imaginativa, um pouco como a visão de Dem Bones no capítulo 37. E como essa, é certo, pelas suas imagens, que permaneceu nas mentes dos exilados ouvintes e promoveu a sua esperança. O estágio 1 vem no versículo 1, e começa a história dizendo que o templo se tornará uma fonte de bênçãos para a terra.

Mas no versículo 1, o guia angélico trouxe o profeta de volta ao edifício do templo. É evidente que subiu os degraus, atravessou o pórtico e agora está na soleira da nave do templo. Ele olha para baixo e vê um fio de água subindo pela soleira.

Seus olhos seguem a água enquanto ela corre para a varanda, desce os degraus e chega ao pátio interno. Ele observa, e ele desce pelo lado direito da escada, e depois vira um pouco à esquerda ao longo da parede sul da varanda. Em seguida, vira novamente à esquerda, atravessando o pátio interno em direção à portaria interna leste. Este é um desvio, um detalhe necessário para a água porque tem que evitar o altar no meio do pátio, que ficava entre o templo e a porta leste.

E assim, a água pode passar pelo lado sul do altar e então avançar direto para dentro e através da portaria leste e descer os degraus daquela portaria leste. E o

pressuposto é que espero que as portas não estejam fechadas e que a água possa fluir. Talvez houvesse uma abertura e eles pudessem passar por baixo das portas.

E então, Ezequiel quer seguir o curso da água, mas ele não tem permissão para sair por aquele portão interno leste. E então ele também tem que fazer um desvio. E assim o anjo teve que levar Ezequiel neste longo desvio, saindo do átrio interno, passando pelo portão norte interno, atravessando o pátio externo até o portão norte externo, depois contornando o muro externo à direita, virando à direita na esquina, até que ele chegou ao lado de fora do portão leste externo, pelo qual ele também não tinha permissão para passar.

E lá estava o fluxo de água. Tinha percorrido um caminho muito mais direto, além de seu pequeno desvio. E, evidentemente, desceu pelo pátio externo, pela portaria externa e desceu os degraus para terras que não eram do templo.

Podemos observar que a água segue o mesmo caminho que Deus ao entrar na área do templo e no templo, mas ao contrário. E o faz como instrumento de Deus. A água pode fazer o que as pessoas não podem.

Este é o segundo estágio da visão que alcançamos no versículo 2. O terceiro estágio vem nos versículos 3 a 6a, uma seção mais longa correspondendo à área maior percorrida. A água flui para o leste, sempre para o leste, e fica cada vez mais forte e profunda. O anjo e o profeta seguem seu curso.

O anjo continua medindo seu progresso. A cada 600 metros, o anjo para e mede a profundidade da água. Em cada ponto de medição, eles entram na água e caminham até ela.

É assim que eles medem isso, usando a linha de medição para a distância, os 600 metros. Mas então eles entram na água e descobrem até que ponto ela sobe e quão profunda ela se tornou. Até que seja profundo demais para entrar a pé.

Agora é um rio. Agora, há algo muito estranho aqui. Porque na vida real podemos imaginar um rio aumentando de tamanho, ficando mais profundo e largo.

Mas isso se deve a uma ou duas condições. Pode ser que haja um escoamento de água ou que haja afluentes que se juntam a esse rio. Mas nenhum dos dois é evidentemente o caso aqui.

Isto é um milagre. Está se tornando mais amplo e profundo por si só. É um milagre, como, digamos, o milagre de alimentar 5.000 pessoas nos Evangelhos.

O aumento simplesmente acontece. Não se pensa em chuva, escoamento ou outros riachos. Geograficamente, o curso que o rio está tomando já é um rio. Ezequiel está

agora caminhando no chamado deserto de Judá, normalmente uma área seca e árida.

A quarta etapa do rio está nos versículos 6b e 7. Evidentemente, o anjo e o profeta estiveram parados na beira da água e acharam impossível atravessar o rio. O anjo traz Ezequiel de volta à margem do rio, e eles saem molhados e pingando. Ezequiel agora percebe um oásis de árvores na sua margem do rio. ele olha e também há um oásis de árvores do outro lado.

Este é o clímax da visão. O anjo e o profeta ficam lá. Outras coisas acontecem, mas o anjo apenas conta a Ezequiel o que vai acontecer daqui para frente.

Mas é hora de parar e refletir e dizer a Ezequiel que há outro capítulo da história que ele não irá acompanhar a pé. E nos versículos 8-12, o anjo explica o que vai acontecer a seguir. O rio seguirá através do deserto de Judá, até a chamada Arabah, parte do vale do Rift, que vai da Ásia Menor até a África, e inclui o vale do Jordão e o Mar Morto. .

E então, a água, o rio, iria correr até lá e iria fluir para o Mar Morto, explica o anjo. Outro milagre acontecerá quando chegar ao Mar Morto, conforme a segunda metade do versículo 8. Quando entrar no mar, o mar de águas estagnadas, a água se tornará doce. A água será curada no Mar Morto.

E os versículos 8-10 falam do efeito curativo deste rio. A água do Mar Morto tem um teor de sal muito elevado, 25% de sal, em comparação com a água do mar, que tem apenas 5% de sal. E agora o Mar Morto, por outro lado, vai se tornar um lago de água doce e um paraíso para os pescadores com pesca fresca.

Pesca de peixe fresco e não de água salgada. Mas no versículo 11 há uma nota de realismo. Mas seus pântanos e pântanos não ficarão frescos e devem ser deixados para o sal.

Se tivéssemos lido os capítulos anteriores com mais detalhes sobre os regulamentos do templo e a manutenção do templo, teríamos descoberto nos capítulos 43-24 que o sal era necessário para certos usos em ritos de sacrifício. E assim, aqui, uma fonte de sal deve ser deixada para o bem do templo – versículo 12.

Nas margens, em ambos os lados do rio, crescerão todos os tipos de árvores para alimentação. E o anjo olha para as árvores à beira do rio, ele as notou, Ezequiel tinha notado, lá no versículo 7, mas agora o anjo fala sobre elas e comenta sobre elas. No futuro, na vida real, além desta experiência visionária, no futuro, ainda existirão árvores reais crescendo.

As árvores frutíferas, com frutas frescas todos os meses, são frescas para alimentação. Portanto, um fornecimento contínuo de alimentos durante todo o ano. E dois, essas árvores frutíferas não seriam caducas.

As folhas permaneceriam nas árvores o ano todo e teriam valor medicinal e poder curativo para curar os enfermos. E assim, árvores milagrosas, de fato. A mensagem da visão é que o novo templo será uma fonte de bênçãos para a terra e, portanto, para o povo.

Falar que o templo é uma fonte de bênçãos sempre foi uma função tradicional do templo. E os Salmos celebraram isso. Salmo 133 e versículo 3, o que isso diz? Fala das montanhas de Sião.

Pois ali o Senhor ordenou a sua bênção, a vida para sempre. E então 134 diz a mesma coisa, mas aqui com um desejo de oração. Que o Senhor, criador do céu e da terra, te abençoe desde Sião.

E assim, Sião, e especialmente o templo, foi associado à bênção de Deus. E os peregrinos iam ao templo para receber bênçãos, na verdade. E somos lembrados também que no final de cada culto festivo havia uma bênção especial dada ao povo de Deus.

E muitas vezes usamos isso como uma bênção no final dos cultos. Números capítulo 6, versículos 24 a 26. Os sacerdotes dizem que no final da festa, a lei é que, quando os peregrinos estiverem prestes a voltar para casa, levem consigo a bênção de Deus.

O Senhor te abençoe e te guarde, o Senhor faça resplandecer o seu rosto sobre ti, e tenha misericórdia de ti, o Senhor sobre ti levante o seu rosto e te dê a paz. Mas esta bênção não funciona magicamente, porque o versículo 27 segue, então eles colocarão meu nome sobre os israelitas, e eu os abençoarei. Ouvirei esses desejos orantes e irei honrá-los e respondê-los nas vidas subsequentes desses peregrinos.

E há uma ilustração fascinante da bênção do templo, através da bênção sacerdotal, que temos em 2 Crônicas, no final do capítulo 30, e no início do capítulo 31. 2 Crônicas, capítulo 20, há uma grande celebração da Páscoa. Não, são 30, não 20, interpretei mal minhas anotações.

Ezequias celebra aquela grande Páscoa no capítulo 30, e no final, versículo 27, os sacerdotes e os levitas se levantaram e abençoaram o povo, e suas vozes foram ouvidas, e suas orações chegaram à sua santa habitação no céu. E assim, esperaríamos, e obtemos a seguinte narrativa, Deus os abençoou muito bem, e eles foram para casa, e passaram pelos processos normais da agricultura, e não podiam acreditar, como foram abençoados, e como essa bênção se tornou realidade, de fato.

E em 31, final do versículo 1, então todo o povo de Israel voltou para suas cidades, todos para suas propriedades individuais.

Nos versículos 4 a 6, há uma ordem. Ele ordenou ao povo que morava em Jerusalém que desse a parte devida aos sacerdotes e aos levitas para que pudessem se dedicar à lei do Senhor. Assim que a notícia se espalhou, o povo de Israel deu em abundância os primeiros frutos de grãos, vinho, azeite, mel e todos os produtos do campo.

E traziam em abundância o dízimo de tudo. O povo de Israel em Judá, que morava nas cidades de Judá, também trouxe o dízimo do gado e das ovelhas, o dízimo das coisas consagradas que haviam sido consagradas ao Senhor, e os depositou em montões. No terceiro mês começaram a acumular os montões de toda essa comida, e acabaram no sétimo mês.

Quando Ezequias e os oficiais chegaram e viram os montões, abençoaram o Senhor e o seu povo, Israel. Ezequias interrogou os sacerdotes e os levitas sobre os montões, e o sumo sacerdote, Azarias, que era da casa de Zadoque, respondeu-lhe: desde que começaram a trazer as contribuições para a casa do Senhor, tivemos o suficiente para comer, e tiveram muito de sobra, pois o Senhor abençoou seu povo, então eles ainda têm todo esse grande suprimento sobrando. E essa é uma ilustração maravilhosa da bênção que pode advir daquela bênção no templo no final da celebração da Páscoa.

Agora, nesta visão, temos uma associação do templo com um rio. E há uma razão especial para isso. Não foi inventado no livro de Ezequiel, mas foi tirado de um salmo, e especialmente de um cântico de Sião, o Salmo 46.

É celebrar a presença de Deus em Sião, e no meio disso, no versículo 4 do Salmo 46, há um rio cujas correntes alegram a cidade de Deus, a santa habitação do Altíssimo. E houve esse pensamento, esse pensamento imaginativo deste rio nesta canção de Sião. Na verdade, nunca houve um rio em Jerusalém.

Mas havia a Fonte de Giom, a Fonte de Giom, que ficava no Vale do Cedron, no lado sudeste de Jerusalém. É muito interessante porque a Fonte de Giom teve associações religiosas. Em 1 Reis, capítulo 1, descobrimos que o Rei Salomão é ungido rei e é levado à Fonte de Giom para que a coroação ocorra.

E diversas vezes encontramos menção em 1 Reis 1 da Fonte de Giom. No versículo 33, o rei, este é Davi, ainda vivo, disse-lhes: Levai convosco os servos do vosso senhor, e fazei com que meu filho Salomão monte na minha mula e o leveis a Giom. E então, 38, então o sacerdote, o profeta Natã, e assim por diante, desceram e fizeram Salomão montar na mula do Rei Davi, e o levaram para Giom, um lugar muito importante.

Por último, em 45, o sacerdote Zadoque e o profeta Natã o ungiram rei em Giom. E aí está, associações religiosas desta fonte em particular. E o que aconteceu naquele Cântico de Sião é que, imaginativamente, o rio foi trazido para Jerusalém, e em Ezequiel, foi levado um passo adiante, onde a fonte é trazida para dentro do templo e flui para fora da nave do templo, a borda do templo. nave.

É claro que no Salmo 46 e na visão o rio é uma metáfora. Todos sabiam que não havia nenhum rio real em Jerusalém, mas é uma metáfora para bênção. Há outro salmo que obviamente o usa como metáfora, e é o Salmo 36, versículos 8 a 9. Os peregrinos festejam com a abundância da sua casa, e você lhes dá de beber do rio das suas delícias.

O rio das suas delícias, aí está a metáfora, pois contigo está a fonte da vida. E então, há esta associação aquosa com a bênção do templo. E aqui, na visão, o templo é a fonte última de vitalidade, de alimento e de cura, à medida que a visão e o rio seguem seu curso.

Um amigo me lembrou que um hino cristão usa a metáfora do rio à sua maneira. Como um rio glorioso é a paz perfeita de Deus, perfeita, mas flui mais a cada dia, perfeita, mas se aprofunda em todo o caminho. E lá estamos nós, e assim o rio continua vivo na canção cristã.

O restante dos capítulos 47 e 48 fala mais literalmente sobre a terra. 47, 13 a 23, dá a extensão geográfica da terra, e esta seção funciona como uma introdução às alocações tribais da terra no capítulo 48. No capítulo 48, o templo fica no centro dinâmico da terra de Israel.

Isso será apontado. Estas duas seções pertencem juntas: 47:13 seguinte e capítulo 48. E elas funcionam em um par, e estão escritas no mesmo estilo.

Ambos receberam títulos. 47:13, estes são os limites pelos quais você deve dividir a terra por herança entre as 12 tribos de Israel. E correspondentemente, 48 começa, estes são os nomes das tribos.

E então você tem um resumo. 47:21 é o resumo, então vocês dividirão esta terra entre vocês de acordo com as tribos de Israel. E então 48:29.

Esta é a terra que distribuireis como herança entre as tribos de Israel, e estas são as suas porções, diz o Senhor Deus. E de facto, para além da semelhança nas molduras que ambos possuem, ambas as partes começam no norte e descem para o sul na descrição do terreno. No versículo 14, segunda parte do versículo 14, jurei dar a terra aos seus antepassados, e esta terra cairá sobre você como sua herança.

Este versículo fornece a antiga base teológica para a ocupação da terra. Era a terra prometida aos patriarcas e essas promessas ainda eram válidas, diz Ezequiel. E a garantia deve ter emocionado os exilados que agora estavam sem terras.

No início do livro, o retorno à terra foi um tema-chave nas mensagens positivas de Ezequiel pós-587. No capítulo 20, o retorno à terra foi retratado como um segundo êxodo, agora da Babilônia, de modo que o antigo êxodo foi usado como um tipo ou analogia para uma grande obra futura de Deus. E viver novamente na terra foi o foco dos capítulos 36 e 37.

E aqui em 47, temos o termo herança, aquela palavra preciosa, herança. E funciona como uma palavra-chave. Nós temos isso no versículo 14: esta terra cairá sobre você como sua herança.

E então é retomado em 22 e 23. Temos herança em ambos os versículos. E esta é uma palavra muito preciosa, mas também um termo legal, um termo legal para a posse da terra.

É uma palavra teológica importante que dá uma posição legal sólida à graciosa dádiva da terra por Deus. Há uma série de surpresas que temos nessas duas partes finais do livro. E diferenças em relação ao que já vimos antes na história anterior de Israel.

A primeira ocorre na primeira metade do versículo 14. Você a dividirá igualmente. Divida igualmente.

E isso foi algo bem diferente. As tribos eram todas de diferentes tipos, tamanhos e formas. Mas de acordo com Números 33:54, o tamanho da área tribal poderia variar em cada caso, e dependia dos vários tamanhos de quantos clãs tribais ela tinha.

Então, tinha muitos clãs, uma grande área tribal e assim por diante. E assim, houve aquela divisão justa, aquela visão populacional de dividir as propriedades tribais. Mas agora, uma quantidade igual de terra para cada tribo.

Esta diferença básica de igualdade, esta inovação de igualdade, será desenvolvida no Capítulo 48 em termos das faixas tribais de território que aí serão mencionadas. Outra surpresa, mas que tem um precedente bíblico, é a extensão geográfica da terra no que diz respeito à sua fronteira oriental. Em Números 34:12, a fronteira oriental fica aqui na Jordânia.

Não há nenhuma terra transjordania pertencente a Israel. No entanto, encontramos em Deuteronômio 11:24 que a terra inclui a Transjordânia, como acontece em todos os livros históricos de Josué em diante. Contudo, aqui neste mapa literário, como em Números 13, a transjordânia está excluída.

E assim, estamos voltando a um antigo precedente, lá em Números 34. E segundo, isso afetará o layout do mapa tribal do capítulo 48. Além disso, a fronteira ocidental nunca se estendeu até o Mediterrâneo.

Mas agora vai acontecer. Assim, a fronteira ocidental é ampliada e a fronteira oriental é reduzida. Em 47:13, no final desse versículo, diz: José terá duas tribos.

Das doze tribos, José terá duas tribos. Isso não era novidade. José teve dois filhos, Efraim e Manassés, e eles estavam entre essas doze tribos.

Então é a mesma coisa. Isso é conhecido desde os tempos pré-exílicos. Havia doze tribos, de acordo com a lista dos filhos de Jacó, e esses filhos na verdade incluem, os filhos incluem Levi.

Mas há um problema, porque aqui há um cálculo de doze tribos seculares. Doze tribos seculares. Se você deixar Levi de fora, você tem um a menos, onze anos.

Mas você compensa, dividindo José em dois, Efraim e Manassés. E então, você tem dois, somando esses dois, depois de subtrair um, você tem doze tribos seculares agora. E então, é isso que está sendo seguido aqui, de fato.

Portanto, há duas maneiras de contar as doze tribos de Israel, em termos dos filhos de Jacó, ou em termos de tribos seculares. Versículo 21: Assim repartireis esta terra entre vós, segundo as tribos de Israel. Este é um título virtual para o capítulo 48.

Mas antes de chegarmos aos 48, lemos sobre mais uma surpresa nunca antes conhecida na história de Israel. Na segunda metade do versículo 22 até o 23. E está falando agora sobre os estrangeiros residentes.

Estrangeiros que residem entre vocês e geraram filhos entre vocês. Eles serão para vocês como cidadãos de Israel. Contigo eles receberão uma herança entre as tribos de Israel.

Em qualquer tribo que residam os estrangeiros, ali lhes atribuirás a sua herança. Nunca foi conhecido antes. Os estrangeiros residentes sempre foram sem terra.

Somente israelitas natos poderiam possuir terras. E, na verdade, é como a lei no México. Os não-mexicanos não podem possuir propriedades legalmente.

E então aqui, seu estrangeiro residente, desculpe, seja bem-vindo. Você se estabeleceu em Israel e adotou a fé de Israel, mas desculpe, você não tem permissão para possuir terras. Agora, era necessária terra para cultivar e fornecer apoio material.

Então, naturalmente, os estrangeiros residentes muitas vezes enfrentam tempos difíceis. Isto se reflete na maneira como Deuteronômio frequentemente caracteriza as pessoas necessitadas da comunidade. Eles falam de viúvas, órfãos e levitas sem terra, e os estrangeiros residentes também não tinham terra.

E o livro de Ezequiel, no capítulo 22, também dá o seu próprio testemunho sobre o sofrimento do estrangeiro residente. O versículo 7 diz que o estrangeiro em Jerusalém sofre extorsão. E então o versículo 29 do capítulo 22 diz, o povo extorquiu do estrangeiro sem reparação.

E aqui, Ezequiel encontra uma solução para este problema econômico, permitindo que o estrangeiro residente possua terras. Eles deveriam ser naturalizados, por assim dizer. Eles deveriam ser adotados em suas comunidades tribais como membros plenos da tribo e, portanto, de Israel.

No início do Antigo Testamento, nas várias leis da Torá, o tratamento humano do estrangeiro residente é frequentemente recomendado a Israel. Eles devem ser especialmente cuidados. Mas não houve força nessas decisões.

E muitas vezes ninguém ouvia isso. E o estrangeiro residente era considerado cidadão de segunda classe. Mas agora, eles serão proprietários de terras, embora não sejam israelitas.

Então, esta é uma surpresa maravilhosa no final deste capítulo aqui. 48:1 a 29, explica a distribuição tribal que foi abordada em 47:21 e também a igualdade das áreas tribais, que foi destacada em 47:14. O capítulo se divide em três partes principais.

1 a 7, 8 a 22, 23 a 29, com uma seção extra de 30 a 45. A parte mais longa são os versículos 8 a 22. E isso explica cuidadosamente a reserva.

E já lemos muito sobre isso no capítulo 45. Foi colocado de volta lá por causa de seu relacionamento com o rei. E assim, o rei conseguiu terras adequadas.

E então, lembre-se, não há necessidade de você tomar terras das tribos, das pessoas em geral. E aqui, esta conversa sobre a reserva é colocada bem no meio do capítulo, no centro do capítulo. E isso corresponde perfeitamente à sua localização geográfica no coração da terra, com seis áreas tribais flanqueando-a de cada lado.

E já lemos uma versão resumida desta parte em 45:1 a 8. E assim, não precisamos analisá-la em detalhes, exceto para ver qual é o seu papel no seu contexto mais amplo. Esta seção, como eu disse, trata da reserva reservada do resto do terreno para o templo e seu pessoal, para a cidade e para o rei. Os versículos 1 a 7

especificam os elementos tribais ao norte da reserva central, enquanto os versículos 23 a 29 fornecem aqueles ao sul.

Como não havia mais terras na Transjordânia, aquela restrição da terra de Israel ao lado oeste do Jordão significava que algumas mudanças deveriam ser feitas. Porque na Transjordânia, tradicionalmente, era ali que Rúben, Gade e metade da tribo de Manassés residiam. E então, eles precisam ser transferidos para o oeste.

E parece haver uma razão específica para a forma como as tribos estão organizadas aqui. E parece ser por respeito à tradição patriarcal. Havia dois tipos de filhos de Jacó.

Alguns deles nasceram das duas esposas de Jacó, Lia e Raquel, enquanto outros nasceram das duas concubinas de Jacó. Essas últimas tribos eram Dã e Naftali, bem como Aser e Gade. E aqueles que nasceram das esposas receberam lugares melhores, ou digamos, lugares melhores, mais perto da reserva, e portanto menos espaço para subirem como peregrinos ao templo.

Eles foram colocados mais perto da reserva do que as tribos concubinas. E então, esta parece ser a razão. Os associados às concubinas possuíam áreas mais distantes da reserva.

Há algo bastante estranho aqui porque a tribo de Benjamim, que consideramos como sendo o norte de Jerusalém, está localizada ao sul da reserva, e Judá está localizada ao norte da reserva. E assim, há uma inversão do que era verdade nos fatos históricos. Uma estranha reversão da tradição.

E aqui, novamente, parece que estamos voltando à tradição patriarcal, porque Judá, Rúben e Levi eram todos filhos da esposa de Jacó, Lia. E assim, essas tribos foram reunidas. Eles foram colocados próximos um do outro.

E então, isso significava que Judá acabou ao norte da reserva e Benjamim ao sul. No geral, a igualdade destas áreas tribais mencionada em 4714 é explicada na sua descrição no capítulo 48. Cada tribo tinha uma faixa latitudinal de território entre as fronteiras leste e oeste, o Mediterrâneo e o Jordão.

Cada faixa tinha um tamanho longitudinal de cerca de 13 quilômetros, então havia faixas de 13 quilômetros para cima e para baixo na terra. O número 12, que nos foi dado pela primeira vez em 4713 e que é seguido aqui, foi um lembrete da concepção tradicional de Israel como 12 tribos antes da divisão do reino.

Isto é bastante especial porque, durante séculos, existiram o reino do sul e o reino do norte. Judá com algumas tribos e depois Efraim e Manassés e outras tribos no norte – divididos e separados.

E o Judá pré-exílico havia esquecido o ideal de 12 tribos por causa do estresse e da tensão da história. A relação entre o reino do norte e o reino do sul era, por vezes, muito tensa. E às vezes, o reino do norte era inimigo do sul.

E às vezes houve uma guerra fria, às vezes uma guerra quente. Mas Ezequiel está a reconduzir os exilados a esse antigo ideal. E seu vizinho em Jerusalém, Jeremias, fez a mesma coisa.

Em Jeremias, há uma ênfase de que no futuro as 12 tribos serão reunidas. Não mais apenas o reino do sul, mas aquele antigo ideal será mantido novamente. Mais tarde, se você ler as Crônicas, esses livros apresentam esse ideal de 12 tribos como uma espécie de padrão-ouro teológico que se deveria almejar.

O tamanho igual das faixas foi um corretivo na história passada para que as tribos maiores explorassem as mais jovens. Bem, não os mais novos, os mais pequenos. E havia o problema de poderem usar o seu tamanho como meio de poder político às custas das pequenas tribos.

E assim, há um significado político de que deveria haver igualdade na terra. E depois na reserva, como vimos antes, a existência de generosas terras da coroa em ambos os lados da praça do troço que pertencia aos sacerdotes, aos levitas, ao templo e à cidade. Este foi um lembrete educado de que o rei não deveria mais confiscar as terras de seus súditos, como costumava fazer antes.

Mas o fato de ele possuir tantas propriedades em ambos os lados da reserva também respeitava sua posição elevada. E foi ao lado desses lugares sagrados. E então ele também tinha uma medida de santidade.

A disposição tribal das terras ao norte e ao sul da reserva homenageia o papel central do templo e de sua equipe de sacerdotes e levitas. Talvez surpreendentemente, o material extra que obtemos no final deste capítulo é dedicado à cidade. Tivemos uma menção à cidade como parte dessa reserva no versículo 22.

A cidade faz parte disso, mas agora esse pensamento de cidade foi retomado, e isso é bastante interessante.

A presença da cidade na reserva ao lado, mas separada da própria área do templo, garante que a ligação tradicional entre o templo e a cidade ainda deva ser honrada. O fato de o rei também ter território nesta faixa em ambos os lados desta terra santa também permitiu essa ligação não apenas entre o templo e a capital, mas também entre o rei. Eles pertencem um ao outro na história teológica antiga, e assim o farão novamente.

Mas aqui, claro, a ligação é afrouxada porque a cidade e a área do templo são lugares diferentes e o palácio do rei não está na cidade, mas sim numa daquelas duas faixas nas extremidades. Mas existe essa ligação nessa reserva. Mas os versículos 30 seguintes voltam à cidade.

E até agora a cidade perdeu. Houve ênfase no templo o tempo todo. Mas é apontado que a cidade deveria ser um microcosmo de todo o povo.

E isso é traduzido simbolicamente pelo fato de que os portões da cidade (12 portões da cidade, cada um de cada lado), devem ter o nome das 12 tribos. E isso simboliza que a cidade pertence a Israel e a todo o povo. Os 12 portões têm os nomes dessas tribos.

Essa é a afirmação simbólica de que pessoas de qualquer tribo poderiam viver ali. Há uma listagem diferente porque uma das tribos é Levi e uma das tribos é José. E então você tem aquela outra numeração das 12 tribos de acordo com os filhos de Jacó aqui, que ia contra o cálculo geográfico das 12 tribos em termos das duas tribos seculares, Efraim e Manassés.

Portanto, no final do livro, essas duas maneiras de ver Ezequiel têm o melhor dos dois velhos mundos, pode-se dizer. Agora os nomes das tribos são dados aos portões da cidade. Mas e quanto ao nome de Deus? Isso é dado à cidade.

E no último versículo, nos é dito no final do último versículo que o nome da cidade daquele tempo em diante será o Senhor está lá. Yahweh está lá. Agora, isso é muito impressionante quando você pensa nisso em termos do resto do livro de Ezequiel, porque se você pensar na presença de Deus sendo essencialmente inicialmente ligada ao templo, e foi nos cânticos de Sião que ela foi estendida para Jerusalém.

Então, no Salmo 46, você poderia dizer que Jerusalém é a cidade de Deus, a morada santa do Altíssimo. Mas isso foi uma extensão pela graça de que Deus estava ali na cidade, e essa presença se estendia desde o templo onde, de forma mais estrita e teológica, a sua presença estava colocada. Mas esse destaque final da cidade ainda quer homenagear aquela tradição da antiga tradição de Sião que você encontra nessas canções de Sião.

E assim, embora geograficamente a cidade esteja agora em um lugar diferente da área do templo por causa da santidade, ter o templo próximo ao palácio tem sido muito próximo para o conforto e, portanto, a propriedade do rei está longe da área do templo, mas também dentro de uma pequena área a cidade de Jerusalém ainda estava em um lugar diferente da área do templo e por isso há uma manutenção desses graus de santidade ali. Mas ainda assim, pode-se pensar na presença de Deus na cidade, e o versículo 35 afirma isso mesmo que o templo não estivesse mais na

cidade. E assim, neste layout, não apenas a tradição da realeza davídica foi preservada, mas também a tradição de Sião. Estes eram demasiado valiosos para serem descartados, por isso estão combinados nesta noção de reserva e também no nome do novo nome que é dado à cidade.

Mas este foco final na cidade prende uma ponta solta no livro porque Exeter Ezequiel capítulo 16 e versículo 53 havia dito a Jerusalém: restaurarei sua sorte, e assim não apenas o povo de Deus seria restaurado à terra, mas Eu restaurarei sua sorte em Jerusalém, e nunca mais ouvimos nada sobre isso. Mas aqui vai uma afirmação: sim, de fato, a sorte de Jerusalém será restaurada, e que melhor maneira do que desfrutar da presença de Deus? Este ensinamento nos capítulos 47 e 48 sobre as terras e tribos está lidando com a tensão bíblica entre a transcendência e a iminência de Deus.

Juntamente com a visão inicial no capítulo 47, estas seções traduzem esta teologia complexa em uma visão imaginativa da bênção de Deus ao seu povo a partir do templo, por um lado, e depois também em uma geografia pragmática do povo de Deus vivendo em harmonia e na presença de Deus na cidade. e também na área do templo. Em uma escala maior, os capítulos 47, 40 e 48 retomaram as antigas ideias teológicas de templo, aliança, rei e terra, e foram esses temas teológicos que foram delineados nos versículos finais do capítulo 37 e provavelmente do capítulo 40 para 48 em um estágio anterior da edição do livro estava imediatamente após o capítulo 47 e então ficou claro que você tem esta introdução teológica, e então ela é representada de várias maneiras por visão e descrição nos capítulos posteriores. Os capítulos 40 a 48 transformaram esses ideais em imagens imaginativas para nutrir os corações dos exilados e em apresentações realistas para nutrir suas mentes.

Os corações e mentes dos exilados são encontrados no decorrer desses capítulos. E aquelas promessas de retorno à terra que tivemos nas mensagens positivas anteriores de Ezequiel 40 a 48 estão coroando essas promessas e completando assim o grande tema de salvação de Ezequiel para o povo de Deus. Salvação que seguiria o julgamento.

No centro desta promessa a salvação estaria a presença renovada de Deus. Ainda tradicionalmente na cidade, mas de forma mais vital em uma nova área de templo. O templo deve ser o ímã que atrai as 12 tribos de Israel e as mantém unidas.

E o templo dá a Israel a sua identidade e a sua razão de ser .

Este é o Dr. Leslie Allen em seu ensinamento sobre o livro de Ezequiel. Esta é a sessão 23, Visão do Rio do Templo, Renovando a Terra, o Novo Israel, Ezequiel 47:1-48:35.